

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOB AS ÓTICAS DE BAKHTIN, BAUMAN E MAFFESOLI

POISK, Camilla Casotti
TORRENTES, José Vinícius¹
FAVORETO, Aparecida

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir, a partir de uma revisão bibliográfica acerca dos postulados da identidade por meio das teorias de Bakhtin (2009), Bauman (2001) e Maffesoli (2004), apresentando as ideias de construção de identidade originárias do contexto social. Nesse sentido, a identidade é concebida como uma dinâmica que se constrói a partir da interação entre os sujeitos, na medida em que o indivíduo a adquire e passa a interagir com o seu meio. Os resultados apontam que a identidade, se constrói a partir do contexto social em que este está inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, diálogo, identidade, modernidade

THE CONSTRUCTION OF IDENTITY UNDER THE PERSPECTIVE OF BAKHTIN, BAUMAN AND MAFFESOLI

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect, from a bibliographical review on the postulates of identity through the theories of Bakhtin (2009), Bauman (2001) and Maffesoli (2004), presenting the ideas of identity construction originating from the social context. In this sense, identity is conceived as a dynamic that is built from the interaction between subjects, as the individual acquires it and begins to interact with his environment. The results indicate that identity is built from the social context in which it is inserted.

KEYWORDS: Ideology, dialogue, identity, modernity

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da identidade e suas tensões presente com os teóricos Bakhtin (1895-1975), Bauman (1927-1917), e Maffesoli (1944-...). Como objetivo geral, tentamos evidenciar que a construção de identidades passa pelas relações sociais que as rodeiam.

Para tanto, buscamos fundamentos teóricos nas obras de Bakhtin (2009), com sua concepção de linguagem e signos carregados de ideologias. Em Bauman (2001) partimos do pressuposto de examinar o processo de construção e manutenção da identidade social do indivíduo diante dos desafios fragmentadores do mundo líquido pós-moderno, apresentando as incertezas como princípio e a mudança contínua. Maffesoli (2004) é caracterizado pela fragmentação do sujeito, decorrente da multiplicidade e pela ruptura na linearidade temporal, na qual a experiência do presente torna-se preponderante.

Partimos do princípio de que nossa compreensão do mundo se dá por meio das relações sociais e dos discursos que refletem valores ideológicos, caracterizando um olhar sobre o mundo, um olhar

¹ Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: jtorrentes@gmail.com

sobre o outro. E as identidades são construídas dialogicamente pelas relações sociais e são sempre marcadas por ideologias.

De acordo com Favoreto (2021) a identidade, de imediato, destaca-se como um termo complexo e polissêmico. Desta forma Favoreto (2021) afirma que a identidade concebe-se como uma convenção social, a qual, na medida em que busca definir o que é o ser humano, numa sociedade dividida, também o categoriza em grupos ou em classes sociais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 MIKHAIL BAKHTIN (1895-1975)

Bakhtin foi um filósofo russo integrante do Círculo de Bakhtin com escritos que contemplam a Linguística, a Psicanálise, a Teoria Social, a crítica dos valores e outros temas. Por algum tempo foi deixado de lado na intelectualidade soviética, sendo exilado político no período de Stálin (1927-1953).

Para compreender sua obra, é preciso identificar a identidade de um indivíduo não como algo isolado de todas as outras categorias, mas como uma variável de tudo que é percebido, no contexto das forças centrífugas e centrípetas. Bakhtin (2009) constrói sua concepção dialógica em que tais forças coexistem na elocução. Assim, uma elocução escrita ou falada sempre manifesta uma opinião.

Para esse autor (2009), o grau de consciência, de acabamento formal da atividade mental, é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social, e toda tomada de consciência implica em um discurso interior marcado pela entoação e atividade mental.

Bakhtin (2009), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, critica a separação da língua de seu conteúdo ideológico, mostrando ser um dos erros do objetivismo. Segundo o autor, a língua, mesmo sendo um sistema de normas, está inserida dentro de um contexto social e fora deste contexto não pode existir a comunicação. A língua representa um fato ideológico e “tudo que é ideológico é um signo, sem signo não existe ideologia” (BAKHTIN, 2009, p. 31). De acordo com o autor, a fala é vista não como um acontecimento individual, mas social, na medida que o indivíduo a adquire, passa a agir e interagir com o seu contexto. Bakhtin (2009, p. 116) afirma que “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

Nesse contexto, o indivíduo não pode viver solitário, sem comunicar-se com o mundo, e a melhor condição do indivíduo constituir-se como sujeito é através da ideologia. Para contribuir com

essa teoria, Orlandi (2002, p.46) afirma que "o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer". A ideologia está ligada ao inconsciente porque o indivíduo quando se manifesta, sabe o que falar e como produzir o sentido para o seu receptor. O sentido das palavras se constrói na interação entre o locutor e interlocutor; não é inerente à palavra.

Bakhtin (2003) ainda esclarece que todo falante é um sujeito em maior ou menor grau, visto que não é o primeiro falante, ou seja, não é o primeiro a quebrar o silêncio, não existindo, portanto, uma fala original. O seu enunciado é formado por vários enunciados com questões sociais, com os quais pode discordar ou concordar. Assim, "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados" (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Ao fazer adesão integralmente ao dizer do outro, o indivíduo implicitamente recusa outros enunciados que vão de encontro ao que ele está aderindo. Essa recusa deve-se à tensão contraditória entre as forças centrípetas e as forças centrífugas postuladas por Bakhtin (2003).

A intercalação dos sujeitos falantes define os limites do enunciado como unidade da comunicação discursiva e assume várias formas variadas. O diálogo é a medida que cria um mecanismo de resposta para que o outro falante inicie a sua comunicação. Assim, o enunciado ganha diversas formas e se constitui como uma unidade da comunicação verbal.

Segundo Bakhtin (2003, p. 272) "estes discursos fazem parte dos gêneros complexos de comunicação verbal, por apresentarem tal grau de complexidade e serem concebidos para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado".

O diálogo é a forma clássica da comunicação discursiva. Para contrapor esse raciocínio, Bakhtin (2009) traz como paralelo a oração, como unidade da língua, afirmando que os limites dela não são determinados pela alternância dos falantes, visto que o seu contexto está ligado ao contexto da fala do mesmo locutor.

Outra questão de análise do pensamento de Bakhtin são os signos, que são produtos ideológicos que retratam o contexto social do indivíduo, refletindo sua realidade. O manifestar compreende-se de diversas representações e interpretações do mundo em que estamos inseridos, as quais são utilizadas pelos indivíduos ao fazerem uso das experiências concretas, as quais têm um caráter diversificado.

Os signos não podem ser concebidos como homogêneos devido aos seus vários significados. Compreendemos que no curso da refração diversas verdades e inúmeras vozes sociais são explicitadas. Tal fato só é possível devido à formação de novos sentidos do enunciado ao ser usado em contextos diferentes. Não podemos afirmar o signo como algo singular, mas como um objeto com vários significados e sentidos, por ter em sua construção o poder de interagir e dialogar com diversos mecanismos capazes de construir discursos que expressam as questões sociais, já que todo discurso

é construído por uma multidão de emaranhados ideológicos. Desta forma, os indivíduos expressam diversas vozes, em uma única fala. Bakhtin (2009) define que o mundo interior é formado por uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias.

Compreendemos que no pensamento de Bakhtin, a construção da identidade, ocorre pelo discurso, pois “Não se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto” (BAKHTIN, 2009, p.54).

Ao analisarmos a construção da identidade de um indivíduo, o fazemos a partir de outras construções, de outras identidades, de outros discursos. A identidade construída pelo sujeito dialoga com outras, e assim se constrói. De acordo com o autor,

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 2009, p.29).

A identidade construída não é uma identidade permanente. É relacional e contextual, permeada de relações sociais. Olhar de cada um sobre o mundo, numa busca de significar os objetos, passa pela questão ideológica do sujeito, que não é isolado, mas social. Desta forma, não se olha o outro sem olhar para si. Assim, defino-me pelo outro e o outro é definido a partir de mim.

Como não existe um olhar neutro para o outro, não podemos reconhecer os objetos em sua essência, pois não são criados prontos e acabados, mas sempre em construção, em permanente mudança. E está mudança ocorre pelo discurso que muda o objeto. Mudamos todo tempo, ora escolhemos assim e em outro contexto temos outra posição. Quando mudam-se os discursos atribuídos, muda-se a identidade desse indivíduo. Então podemos afirmar que os indivíduos vivem em constante processo de construção da sua identidade. Ressalta-se que, na perspectiva bakhtiniana, todo discurso é construído a partir de outros, com os quais se estabelece um diálogo.

2.2 ZYGMUNT BAUMAN (1925-2017)

Nascido em 1925, na Polônia, Zygmunt Bauman era proveniente de uma família judia, que precisou fugir da invasão nazista durante a Segunda Guerra Mundial e refugiar-se na União Soviética. Serviu ao exército polonês, e a partir de 1950, passou a se dedicar aos estudos de sociologia, dando início à sua carreira acadêmica na Universidade de Varsóvia, onde alguns de seus livros e artigos foram censurados (BASÍLIO, 2010; BAUMAN, 2011).

Posteriormente, em vista da propagação do antissemitismo no território polonês, Bauman decidiu continuar sua trajetória profissional no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até se tornar professor titular da Universidade de Leeds, na Inglaterra, onde permaneceu por vinte anos. Se aposentou em 1990, e durante sua aposentadoria produziu a grande parte dos seus mais de 50 livros publicados, conquistando significativo reconhecimento, em âmbito mundial (PALLARES-BURKE, 2004; BAUMAN, 2011).

Neste percurso, Bauman se afastou de uma sociologia, citada por ele próprio, como “engenharia pela manipulação”, a qual é empregada para suprir os interesses dos governantes, por intermédio do fornecimento de informações que cooperam com a manutenção da ordem e submissão social. Em uma direção oposta, o prolífico autor aderiu a sociologia tida como “engenharia pela racionalização”, que busca um olhar crítico e questionador da realidade, se constituindo enquanto instrumento de transformação, alicerçado na crença de que esta área do conhecimento é capaz de atuar buscando fazer a diferença na sociedade (SÁ; RETZ, 2015).

Sob esta ótica, dentre as diversas temáticas abordadas, Zygmunt Bauman se dedicou, essencialmente, à análise sociológica da contemporaneidade. Inicialmente, o autor empregou a nomenclatura “pós-modernidade” nos seus livros, como por exemplo em: “Ética pós-moderna” (1993) e “Mal-estar na pós-modernidade” (1997). Contudo, a partir de 2000, abandonou o uso deste termo, o qual julgou equivocado por considerar que não estamos vivenciando uma época posterior à modernidade, mas que permanecemos na modernidade (BAUMAN, 2012).

Tendo isso em consideração, Bauman introduziu uma original concepção que reconhece a existência de dois momentos distintos da modernidade, nomeados “modernidade sólida” e “modernidade líquida”. Assim, inaugurou-se uma nova maneira de compreender os fenômenos sociais, a partir, sobretudo, da utilização da liquidez enquanto metáfora para caracterizar as transformações ocorridas no período atual (OLIVEIRA, 2012).

Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos – contornam outros obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza [...]. Essas são as razões para considerar fluidez ou liquidez como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2001, p. 08-09)

Partindo desse pressuposto, com fins de diferenciação, cabe apresentar, de modo bastante sucinto, que a modernidade sólida foi demarcada pelo mundo fordista, do capitalismo pesado, da ordem e do controle social estabelecidos e regulados pela administração centralizada no Estado.

Acerca disso, evidencia-se que “o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase ‘pesada’, ‘volumosa’, ou ‘imóvel’ e ‘enraizada’, ‘sólida’” (BAUMAN, 2001, p. 69).

O enfraquecimento do modelo fordista desencadeou profundas mudanças sociais, favorecendo o advento da modernidade líquida que, ao contrário, se constitui no ambiente do capitalismo leve e do neoliberalismo, nos quais múltiplas autoridades (com ênfase no plural) são escolhidas por meio da sedução e da amigabilidade para/com os indivíduos, substituindo a autoridade exclusiva do Estado (BAUMAN, 2001).

A distinção destas duas etapas fica clara no seguinte trecho:

Os passageiros do navio ‘Capitalismo Pesado’ confiavam (nem sempre sabiamente) em que os seletos membros da tripulação com direito a chegar à ponte de comando conduziriam o navio a seu destino. Os passageiros podiam devotar toda sua atenção a aprender e seguir as regras a eles destinadas e exibidas ostensivamente em todas as passagens. [...] Já os passageiros do ‘Capitalismo Leve’ descobrem horrorizados que a cabine do piloto está vazia e que não há qualquer meio de extrair da ‘caixa preta’ chamada piloto automático qualquer informação sobre para onde vai o avião, onde aterrizará, quem escolherá o aeroporto e sobre se existem regras que permitam que os passageiros contribuam para a segurança da chegada (BAUMAN, 2001, p. 70-71).

À vista disso, pode-se destacar que a modernidade líquida é delineada pelos processos de globalização, avanços tecnológicos e individualização. É um mundo volátil, repleto de uma infinidade de atraentes oportunidades e opções de fácil acesso, permeado pelo imediatismo do consumo, o qual não ocorre para o atendimento das necessidades, mas é referente às repetidas buscas fracassadas pela satisfação do desejo e prazer plenos. Como consequência, nesta nova Era, a lógica da liquidez e da mercadoria contaminam todas as esferas da vida (LIMA, 2019).

Portanto, “o que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos à nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa ‘política de vida’ está escrito deriva da pragmática do comprar” (BAUMAN, 2001, p. 87). Isto abarca, inclusive, a construção das identidades, uma vez que estas não são herdadas, estáticas ou rígidas na sociedade líquido-moderna, apresentando as mesmas propriedades de fluidez e flexibilidade dos outros elementos da atualidade (PINTO, 2016).

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização de fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece (BAUMAN, 2001, p. 98).

Logo, o homem possui a liberdade, e de modo concomitante, a responsabilidade individual (em vista da supervalorização do eu), de escolher sua própria identidade enquanto um produto que está nas prateleiras, que assim como qualquer outro, possui data de validade, cairá em desuso e precisará ser trocado. E são estes os fatores desencadeadores de insegurança e angústia constantes: primeiramente, realizar uma escolha diante das múltiplas possibilidades arcando com as consequências, e em segundo, determinar o intervalo do tempo de apego a ela (SZWAKO, 2006; OLIVEIRA, 2012).

Diante do exposto, fica restando aos indivíduos tentar, interruptamente, transformar suas vidas em obras de arte, contudo, conforme Bauman (2001, p. 86) pondera, “nesta corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores”.

2.3 MICHEL MAFFESOLI (1944-)

Michel Maffesoli nasceu em 14 de novembro de 1944, em Graissessac, na França. Discípulo do antropólogo e mitólogo Gilbert Durand, é estimado como sociólogo do cotidiano, sendo integrante da corrente fenomenológica francesa. No ano de 1981, ocupou a cadeira de Émile Durkheim na Sorbonne / Université de Paris-Descartes (MAFFESOLI; ICLE, 2011; NÓBREGA *et al*, 2012).

Nos dias atuais, é professor emérito e membro honorário do Instituto Universitário da França “*ad vitam*”, e seu pensamento exerce influência, a nível mundial, em diversas áreas do conhecimento, possuindo significativa notoriedade nos contextos acadêmicos e científicos do Brasil, uma vez que grande parte de suas obras estão traduzidas para a língua portuguesa (SILVA; GUARESCHI; WENDT, 2010; ALVES *et al*, 2022).

Inicialmente, é pertinente destacar que a teoria de Maffesoli propõe uma nova e diferente matriz epistemológica para a compreensão das configurações sociais, a qual se distancia do reducionismo inerente da taxinomia e da tradicional compartimentação disciplinar (MAFFESOLI, 2014). Além disso, os fatores socioeconômicos dos comportamentos individuais que são comumente prevalentes em outras abordagens teóricas, aqui, não se configuram enquanto foco central de análise (SCHROEDER; ABREU, 2018).

Rompendo paradigmas, busca-se, mediante um viés holístico, a sinergia entre elementos que, historicamente, foram estudados a partir da lógica binária da separação, de modo a superar a dicotomia entre sujeito e objeto (MAFESSOLI, 2014). Sob esta ótica, enfatizando o multidimensional e o inseparável, o cerne de sua análise sociológica diz respeito ao entendimento do imaginário que constitui a contemporaneidade, o tempo presente, concebido, pelo próprio autor, como pós-modernidade (SCHROEDER; ABREU, 2018).

Para a compreensão desta afirmação, é necessário, em primeiro lugar, explicitar que Maffesoli define imaginário enquanto “o estado de espírito que caracteriza um povo”, não podendo ser limitado como “algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Portanto, a essência do imaginário não está na esfera individual, mas nos símbolos e valores que estruturam a vida coletiva e estabelecem seus vínculos, sendo considerado um “cimento social” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). De maneira sintetizada e clara, o imaginário pode ser entendido enquanto o “imperativo atmosférico” que condiciona formas de ser, de pensar e de organizar, em determinado tempo do percurso histórico (MAFFESOLI, 2019; ALVES *et al*, 2022, p. 11).

O tempo que se configura objeto de estudo de Maffesoli, como já dito anteriormente, é a atualidade, denominada pós-modernidade. Esta terminologia é empregada tendo em vista o reconhecimento de que a mesma expressa a origem de uma nova época, a qual sucede e se diferencia da modernidade, inaugurando um particular imaginário coletivo (MAFFESOLI, 2004; ALVES *et al*, 2022).

Com fins de diferenciação, Maffesoli (2014; 2019) esclarece que a modernidade foi um momento histórico orientado por uma estrutura social mecânica, alicerçada pelos pilares da razão, da individuação e do utilitarismo. A partir disso, a ordem social era determinada pelas organizações e normas econômicas e políticas, ao passo que o trabalho e o produtivismo eram privilegiados em prol da construção de uma sociedade perfeita, por meio do culto ao progresso, na espera de resultados futuros.

Neste contexto, o indivíduo era autônomo, fixado em uma identidade sexual, ideológica e profissional que seguia a lógica do “dever-ser”. Remetendo à etimologia da palavra “indivíduo”, de modo indivisível, este se relacionava mediante grupos contratuais, desempenhando uma específica função, com regras precisas, em partidos e outras associações estáveis, alicerçado na crença de ser mestre de si próprio (MAFFESOLI; ICLE, 2011). A consequência desta racionalização exacerbada e generalizada da existência, foi a abolição de sonhos e fantasias, provocando o desencantamento ou desmagicalização do mundo (MAFFESOLI, 2019).

Todavia, na pós-modernidade, a obsoleta estrutura social mecânica é substituída por uma estrutura orgânica de socialidade, caracterizada pela heterogeneização e pelo retorno do emocional, do lúdico e do festivo. Nesta nova Era, o utilitarismo dá espaço à estetização da existência (que se refere ao sentir em comum), o trabalho à criação e à criatividade, e o mito do progresso futuro perde relevância em detrimento do atrativo presenteísmo (MAFFESOLI; ICLE, 2011; MAFFESOLI 2014; 2019).

Sendo assim, Maffesoli (2004, p. 21) resume a pós-modernidade como “a sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico”, ou ainda, como “a ligação do arcaísmo e a vitalidade” (MAFFESOLI, 2007, p. 99). Acerca disso, salientam-se três arcaísmos que configuram esta fase atual: o hedonismo, o tribalismo e o nomadismo.

De forma muito sucinta, o hedonismo diz respeito à busca pelo prazer intenso no momento aqui-agora, em função da descrença em paraísos distantes. O tribalismo é uma metáfora que se refere à construção de laços mediante o compartilhamento de gostos semelhantes, existindo múltiplas tribos culturais, religiosas, esportivas, musicais, etc. E o nomadismo, por sua vez, denota a volatilidade e a circulação do homem entre diferentes valores, tribos e espaços sociais. “Assim, é possível observar, nos habitantes das megalópoles pós-modernas, um novo tipo de nômade – um tipo que muda constantemente de aparência e de papéis no vasto *theatrum mundi*” (SCHROEDER; ABREU, 2018, p. 10).

Isto demonstra que a organização dos relacionamentos sociais, na atualidade, abandonou o caráter vertical, passando a apresentar essencialmente uma dimensão horizontal fraterna. Dessa maneira, as relações que eram, na modernidade, instituídas por intermédio do contrato social e do racionalismo, agora, são estabelecidas pelo pacto societal, assim como pelos sentimentos de afeto e de pertencimento (MAFFESOLI, 2019).

A utopia de um mundo totalmente racionalizado fracassou. Seres humanos produzem incessantemente mitos e imaginários. Buscam freneticamente a relação social que aquece e emociona. Escolhem mais emocionalmente do que pela razão por uma simples razão: a emoção é vetor de uma catarse que produz significação imediata. Os homens precisam do lúdico, do jogo e de rituais para encontrar sentidos que preencham o vazio deixado pelas promessas de redenção (SILVA, 2019, p. 16).

Por conseguinte, neste novo cenário, verifica-se um processo de desindividualização para o nascimento de uma sociedade de massas indefinida, que não está fundamentada na lógica da identidade, mas da impessoalidade, na qual a existência advém do “espírito dos outros”. Logo, a construção do “eu” na pós-modernidade também perpassa por transformações, emergindo, no lugar do indivíduo indivisível e uno, a pessoa plural (BARROS, 2008; MAFFESOLI, 2014).

Maffesoli abarca a pluralidade enquanto característica típica da pessoa, visto que a origem etimológica da palavra, “persona”, significa máscara. Desse modo, a pessoa não é uma identidade, mas membro do macrocosmo das identificações múltiplas, a partir da adoção de máscaras instáveis e mutáveis, que expressam diversas facetas (BARROS, 2008; MAFFESOLI; ICLE, 2011)

Se trata da passagem da identidade – rígida e invariável, alusiva à ideologia – para as múltiplas identificações tribais pós-modernas – lábeis e impetuosas, concernentes ao imaginário. Representa,

essencialmente, a passagem do “eu” para o “nós”, na qual transcorre a extensibilidade do eu, melhor dizendo, a dificuldade de discriminação, ou até indiferenciação entre o eu e o outro (MAFFESOLI, 2014; SILVA, 2019). “Isto significa que não existe um EU com uma substância absoluta, mas um EU constituído por muitos outros” (SCHROEDER; ABREU, 2018, p. 09).

O homem não é da produção nem do consumo. Também é da produção e do consumo. Antes de tudo, [...] é do jogo, da festa, da crença, das emoções, dos mitos, dos desejos, das intuições, das religiões, das paixões e dos mistérios. Só o homem produz imaginários. Quando isso não funciona, o ser humano adoece, deprime-se, naufraga. O sentido para ele está no outro, esse outro que se alcança pelo compartilhamento de emoções, esse outro com o qual se cria laço social, esse outro com o qual se estabelece a troca que vincula, energiza, anima e põe em combustão. (SILVA, p. 17, 2019).

Diante do exposto, se torna tangível que “se a modernidade sempre se orientou pela cadeia razão-progresso-emancipação (autonomia), a pós-modernidade, como expressão do cotidiano, é emoção-progressividade-relação” (SILVA, 2019, p. 08). Portanto, para Maffesoli (2019), nesta nova fase da humanidade, o “eu” não existe sem o “outro”, tendo como principal “cimento social”: o sentir em comum. Assim, percebe-se, como efeito da pós-modernidade, o reencantamento do mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o processo de construção da identidade, apesar de ser concebido de formas diferentes por Bakhtin (2009), Bauman (2001) e Maffesoli (2004), é um sistema inacabado, sempre em mudança, a partir da interação entre os sujeitos e suas relações.

Para Bakhtin (2009) uma identidade construída não é uma identidade permanente. É relacional e contextual, impregnado de relações sociais.

Para Bauman (2001) o processo de construção da identidade passa pelo conceito de fluidez, identificando que estão se tornando cada vez menos firmes. Convivemos com a mudança constante.

Para Maffesoli, na pós-modernidade, o indivíduo uno e indivisível é substituído pela pessoa plural. Logo, o “eu” é construído pelo outro, ou seja, não há “eu” sem “nós”, assim como não há distinção entre o “eu” e o outro. Desse modo, não existem identidades sólidas e invariáveis, mas uma pluralidade de identificações a partir da adoção de máscaras instáveis e mutáveis, tendo como base o sentir em comum.

Desta forma, é preciso compreender que o indivíduo transforma esse processo de construção identitária em um espaço dinâmico, em constante transformação, levando em consideração suas possibilidades e conflitos. O sujeito é entendido como um modificador do meio com o qual interage.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. L.; BARROS, E. P.; ABREU, C. B. de M.; SCHROEDER, T. M. R. A educação na era da Internet: entrevista com Michel Maffesoli. **Revista ETD – Educação Temática Digital**, v. 24, n. 1, p. 4-13, 2022. Disponível em: < <https://doi.org/10.20396/etd.v24i1.8665214> > Acessado em: 31/07/2022.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Estética da Craição Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, E. P. Maffesoli e a “investigação do sentido” – das identidades às identificações. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 44, n. 3, p. 181-185. Unisinos: Set./Dez., 2008. Disponível em: < http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5282/2536 > Acessado em: 03/08/2022.

BASÍLIO, M. P. Tempos Líquidos. Resenhas. **Revista Sociologias**, v. 23. Abr. 2010. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/soc/a/TxJ9xmzQwvGH6D3wbyD_VXRR/abstract/?lang=pt > Acessado em: 08/08/2022.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Bauman sobre Bauman**: diálogos com Keith Tester. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2011.

_____. **Zygmunt Bauman: Liquid Modernity revisited**. Aarhus Lectures in Sociology. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4QVSisK440w&t=0s> > Acessado em: 12/08/2022.

FAVORETO, Aparecida; OLIVEIRA, Renata; FIGUEIREDO, Ireni. O SER, O TER E O PARECER TER: reflexões sobre a relação entre a educação e a constituição da identidade social. **Diálogos Pertinentes**, Franca, v. 18, p.156-175, 2021.

LIMA, J. R. de. O indivíduo na sociedade líquido-moderna e a identidade nacional. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 43, n. 18. Periódicos UFMA – Universidade Federal do Maranhão: 2019. Disponível em: < <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/9893/6538> > Acessado em: 12/08/2022.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82. Ago. 2001. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123> > Acessado em: 03/08/2022.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

_____. Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 43, n. 1, p. 97-102. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93843110.pdf> > Acessado em: 07/07/2022.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Tradução: Maria de Lourdes Menezes; Apresentação e revisão técnica: Luiz Felipe Baêta Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

_____. **Conferência com Prof. Michel Maffesoli**. Curso de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Núcleo de Produção de Desenvolvimento Acadêmico: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DJhtr1V7SEQ> > Acessado em: 03/08/2022.

MAFFESOLI, M.; ICLE, G. Pesquisa como conhecimento compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Revista Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, p. 521-532. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Mai./Ago., 2011. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227057015.pdf> > Acessado em: 31/07/2022.

NÓBREGA, J. F. da; NITSCHKE, R. G.; SOUZA, A. I. J. de; SANTOS, E. K. A. dos. A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli: implicações para a pesquisa em enfermagem. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 373-376. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Abr./Jun., 2012. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648963025.pdf> > Acessado em: 31/07/2022.

OLIVEIRA, P. de. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 25-36. 2012.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Revista Tempo Social**, vol. 16, n. 1. Jun., 2004. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ts/a/JjQcm7wmFXWn5ZPTWVvTSSM/?lang=pt> > Acessado em: 10/08/2022.

PINTO, R. C. A construção de identidades na sociedade líquida. *In*: **Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica**, 2016. Editora PUCRS, 2016. Disponível em: < <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/11.pdf> > Acessado em: 13/08/2022.

SÁ, O. de; RETZ, R. de G. Introdução a Bauman: o mundo como texto. **Revista Quanta Comunicação e Cultura**, v. 01, n. 1. 2015. Disponível em: < <https://www.aedb.br/publicacoes/index.php/comunicacao/article/viewFile/12/11> > Acessado em: 09/08/2022.

SCHROEDER, M. R.; ABREU, C. B. de M. Pós-modernidade: perspectivas de Jean-François Lyotarde e Michel Maffesoli. **Revista Educere Et Educare**, v. 13, n. 28. Maio./Ago., 2018. Disponível em: < <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/20487/13289> > Acessado em: 02/08/2022.

SZWAKO, J. Identidades liquidadas. Resenha: Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. **Revista de Sociologia e Política**, v. 27, p. 215-218. Nov. 2006. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/ysNN76YvCz5SRkzmOgq4sBf/?lang=pt> > Acessado em: 12/08/2022.

SILVA, J. M. da. Michel Maffesoli e a pós-modernidade como fenômeno de comunicação. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 2. Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense: Ago., 2019. Disponível em: <
<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/Maffesoli%20e%20a%20P%C3%B3s-Modernidade%20Juremir%20Machado%20da%20Silva/20014> > Acessado em: 07/07/2022.

SILVA, M. A. da; GUARESCHI, P. A.; WENDT, G. W. Existe sujeito em Michel Maffesoli? **Revista Psicologia USP**, v. 21, n. 2. Jun. 2010. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/KCCSHhR6mvVjQsDKwhgfrkp/?lang=pt&format=html> > Acessado em: 31/07/2022.